

CIDADES

Cláudia Regueiro é a entrevista de domingo PÁG. 7



ESNER SOARES

ENTREVISTA DE DOMINGO Cláudia Vidal Regueiro

# Uma voz pela educação inclusiva

ELIANE JOSÉ

Desde a primeira escola rural, a pequena “Benedito Pereira de Paula”, em uma das curvas da Estrada do Beija-Flor, na Serra do Itapeti, a educação especial norteou a carreira da professora Cláudia Vidal Regueiro, hoje à frente do Departamento de Orientação e Promoção, o Pró-Escolar, um serviço educacional que guia o atendimento a mais de mil crianças mogianas, com algum diagnóstico de deficiência física. Na sala de aula, após ter assumido o cargo conquistado em concurso

público, ela tinha três dos alunos que a fizeram buscar cursos e especializações para exercer um direito constitucional. Essa experiência a levaria a outros desafios. Foi coordenadora pedagógica da Escola Municipal de Ensino Especial (Emesp) de Mogi das Cruzes e, algum tempo mais tarde, a convite da ex-secretária de Educação, Rose Rogero, assumiu o Pró-Escolar, que tem obtido reconhecimento por oferecer aos estudantes a assistência multidisciplinar dada por fonoaudiólogos, psicólogos, fisioterapeutas e psicopedagogos,

além de um currículo inclusivo, praticado dentro da escola. Ao aliar o ensino a terapias especializadas, comprova ela, “os resultados no aprendizado e na inclusão familiar e social são potencializados”. Casada com o advogado Marcos Regueiro desde o segundo ano da Faculdade de Direito, da Universidade de Mogi das Cruzes, mãe de Maria Clara e Laura, Cláudia é recifense e morou da infância à juventude em Poá. Apaixonou-se por Mogi, por suas tradições e particularidades. É o que conta na seguinte Entrevista de Domingo:

**Como você chega a Mogi das Cruzes?**

Vim estudar Direito na Universidade de Mogi das Cruzes, em 1994, e conheci o Marcos (Regueiro, secretário municipal de Gestão) e nos casamos dois anos depois, enquanto ainda estudávamos. Fiz o concurso público para a Secretaria de Educação de 1996, e assumi o cargo em 2000. Fui trabalhar em uma escola rural, a “Benedito Pereira de Paula”, que é um primor. Ali, tive três alunos com deficiência e, então, comecei a fazer cursos e especializações para entender o que era a Educação Especial, mas Mogi das Cruzes já tinha um bom caminho nesse assunto, com a manutenção da Emesp (Escola Municipal da Educação Especial), para onde eu fui; antes, porém, atuei quatro anos na escola Mário Portes, em Jundiapéba.

“Quem escolhe ser professor quer um mundo melhor, uma escola melhor”

**Onde nasceu?**

Recife, em Pernambuco, mas logo nos primeiros anos, meus pais, Maria José Vidal Celestino e José Batista Celestino (*in memoriam*) vieram morar no Tucuruvi, em São Paulo, porque ele foi trabalhar na montadora Kaplast. Algum tempo mais tarde, nos mudamos e permanecemos em Poá, em uma casa próxima à Fonte Áurea. Eu tinha 8 para 9 anos quando viemos para o Alto Tietê. E, na faculdade, quando me casei, vim morar na Vila Jundiá, e nos últimos 15 anos, moramos no bairro do Mogilar.

**O que é o programa de Educação Especial de Mogi?**

É um programa que atende toda a rede municipal e alguns alunos da rede estadual e da Apae, desde a creche até o 5º para o 6º ano, no desenvolvimento de ações como o Pró-Escolar, que oferece um atendimento especializado integrado ao currículo escolar, mas no contraturno da escola, com profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e psicopedagogos, e também na orientação a professores da rede pública sobre esse tema. Nós temos 16 polos de atuação, que recebem alunos da rede, em um trabalho praticamente individualizado, além do prédio do Pró-Escolar.

**Como funciona, na prática, esse atendimento?**

Nós realizamos a educação inclusiva com o provimento de todas as possibilidades para o desenvolvimento da criança na sala de aula, sem a segregação, e com o cumprimento de protocolos que auxiliam no aprendizado e na interação social da criança. Esses protocolos foram aprimorados com o tempo e o nosso objetivo é, por meio de uma busca ativa na própria rede municipal, garantir e antecipar ao máximo a estimulação precoce que amplia, de maneira concreta, os resultados do ensino.

**Há crianças que demoram a chegar à escola?**

Ainda há, e isso acontece, algumas vezes, porque a própria família ainda possui receios em levar a criança com restrições motoras e intelectuais para a sala de aula. Na escola, nós temos hoje 140 cuidadoras que acompanham, exclusivamente, os alunos que não possuem plena autonomia. Mas notamos, que o desenvolvimento das terapias combinadas consegue ajudar no desenvolvimento da autonomia pessoal da criança. Além do papel do poder público, precisamos pensar com a família porque, por exemplo, nós dependemos da mãe ou de um familiar que leve a criança no contraturno (ofertado no Pró-Escolar) e mesmo com a oferta do transporte ou do vale-transporte, há resistências e dificuldades.

**É por que isso requer um familiar que se dedique integralmente à criança?**

Sim, e temos alunos que moram em locais distantes como a Chácara Guanabara, que levam 40 minutos de carro para ir e voltar ao Pró-Escolar (que está instalado na Vila Lavínia, ao lado do antigo Caic). É preciso acompanhar a criança até o final de um atendimento, que leva, em média, 40 minutos. Costumo dizer que nós fazemos a nossa parte, mas a família tem o papel principal na inclusão dos alunos.

**Esse trabalho é feito em parceria com a professora, na sala de aula?**

Totalmente, porque cumprimos um currículo acessível, que conta com a participação da professora e da cuidadora para ser implementado. Nós acompanhamos a evolução de quadros severos de dependência e de dificuldades para o aprendizado, em crianças laudadas por situações como os transtornos, graças a essa combinação.

**É grande o preconceito com a criança deficiente?**

Nós percebemos uma mudança positiva com a inclusão, principalmente em nossa rede, mas precisamos admitir que a exclusão ainda é um grande desafio fora da escola, no mercado de trabalho, na acessibilidade aos prédios e ruas.

**Essa questão da exclusão mesmo, começa quando a criança deixa a rede municipal e vai para a estadual?**

A Secretaria de Estado da Educação avança na educação inclusiva. Mas a realidade, hoje, para todos os alunos que deixam a rede municipal e vão para a estadual, é de uma perda dos índices de aprendizado. Aliás, isso ocorre em todos os estados brasileiros. Nós temos muitas dificuldades, embora, os avanços sejam reais em cidades como Mogi, que possui uma Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) há 60 anos, e uma Emesp,

há mais de 30. Esses serviços diferenciam muito a cidade, mas sim temos essa preocupação.

**Como vê a decisão do governo federal de retornar as salas especiais para a escola pública? Será um retrocesso?**

Essa é uma grande preocupação porque em cidades como a nossa, eu tenho certeza, não há como se voltar ao que era antes, até pelos investimentos feitos na própria especialização de professores, contratações de profissionais como os fonoaudiólogos, psicólogos e demais estruturas. Mas há um temor. Por isso há um envolvimento de entidades e profissionais, para que não haja um retrocesso.

**A melhoria da educação é necessidade básica para o desenvolvimento dos países. Tivemos os resultados recentes da avaliação do Pisa, que mostraram o recuo da escola pública e o avanço do ensino particular. Como você vê o professor hoje?**

Um guerreiro. Temos muitos problemas no cenário nacional, mas temos muitos professores empenhados a melhorar a educação. Nós temos exemplos como o do diretor Vanderlei Masotóri, diretor da Escola Álvaro de Campos Carneiro, de Jundiapéba, que conseguiu levar a comunidade para dentro da escola de uma maneira incrível, que muda a realidade escolar. Quem escolhe ser professor quer um mundo melhor, uma escola melhor. Como professora, tenho esperanças. E vejo que participação de todos, da família, da comunidade pode mudar o contexto de precariedade.

**Em outubro, Mogi sediou o III Congresso Internacional da Educação Especial, em outubro. Fale sobre essa experiência.**

Esse congresso reuniu profissionais e especialistas de cidades paulistas e de outros estados, além de Cuba, Canadá e Argentina. Ele nasceu com o Grupo Fazer o Bem, do professor André Trindade, que reside em Mogi e possui um grande trabalho na defesa da criança com deficiência, e é feito em uma parceria, pela Prefeitura. E essa mobilização, na cidade, e de quem atua na Educação Especial válida o desejo de todos (instituições, profissionais, pais, etc.) de se melhorar o que temos hoje, em todo o país.

**Nesse ano, você recebeu o Prêmio Mundial de Boas Práticas Inclusivas?**

Sim. Um prêmio da Associação Mundial de Educadores Especiais, que muito me honrou.

**Há fila de espera na Educação Especial?**

Sim, há. Já foi muito maior, mas ainda hoje buscamos meios de atender cerca de 300 crianças porque sabemos que a estimulação precoce fará diferença nas gerações futuras.

**Mais crianças estão nascendo com necessidades especiais?**

Sentimos isso, de os casos de bebês com hidrocefalia, a epidemia do Zika. Agora, nós estamos recebendo essa demanda, e constatando um crescimento nos números, e também crianças que possuem outros tipos de transtornos que exigem atenção na escola pública.

**Você trabalhou com os três últimos prefeitos municipais. Qual é a avaliação que faz deles?**

Na educação e na ação social tivemos avanços, e falo isso porque minha família mora em Poá, e recebo mães de outras cidades que gostariam de ser atendidas aqui e não podemos fazer isso. Tive um caso que ilustra isso: uma mãe de Ferraz de Vasconcelos foi até a Emesp, quando eu estava lá, e queria saber o que era a escola. Eu expliquei a ela, mas disse que só podíamos receber mogianos. Ela me disse: “vou mudar para Mogi, pelo meu filho”. Assim como ela, muitas pessoas chegam por causa dos serviços públicos de qualidade. Então, respondendo, nós tivemos com o Junji (Abe) Criações, o Pró-Criança, o Pró-Hiper e o Pró-Escolar, com o (Marco) Bertaiolli, a manutenção das estruturas e 60 creches adaptadas e construídas, e com o Marcos (Melo), mesmo com

PERFIL

**NOME:** CLÁUDIA VIDAL REGUEIRO  
**IDADE:** 48 ANOS  
**NASCIMENTO:** RECIFE (PE), FILHA DE MARIA JOSÉ E JOSÉ BATISTA CLEMENTE (IN MEMORIAM)  
**ESTADO CIVIL:** CASADA COM MARCOS REGUEIRO, E MÃE DA ESTUDANTE DE MEDICINA MARIA CLARA, E DA ESTUDANTE DE DIREITO, LAURA  
**PROFISSÃO:** ADVOGADA E PEDAGOGA

toda a crise econômica, a manutenção de projetos como as UPAs, o Hospital Municipal.

**Você e o Marcos foram festeiros de Santo Ângelo, em 2017, como foi essa experiência?**

A minha sogra, Joaquina Maria Regueira, uma pessoa que “é o amor”, teve 8 filhos, cuidou de todos apesar de ter ficado viúva aos 48 anos. Ela é uma devota tradicional de Santo Ângelo, que nos dias da festa, arruma os pertences, coloca em uma malinha e vai se hospedar nos quatinhos reservados às matriarcas da festa. Na Capela de Santo Ângela, você conhece uma outra Mogi, de tradição, de família, de histórias e religiosidade. Há uma cozinha antiga, com um café preparado para todos. Ali, vive-se uma experiência de fé única.

**Mogi foi acolhedora com você?**

Muito. Mogi é uma cidade grande, onde muitos se conhecem. Preserva esse privilégio, apesar de ter expandido. Fiz e tenho amigos, participo de uma confraria, a da cerveja, mas ninguém toma muita cerveja (risos), nós mais comemos do que bebemos. O Marcos e eu gostamos de receber as pessoas. É essa é uma coisa típica de Mogi, as amizades. No caso de nossa confraria, os amigos são Maria Lucia Freitas, Tereza Faria, Odilon e Cássia Macedo, Claudio e Lia Servo, Cecília, Juliano Rubens, Fátima Marcelino, Antero e Cecília Rodrigues, Débora e Nelson Fernandes.

**ESPERANÇA Cláudia Vidal Regueiro, especialista em educação inclusiva, defende participação da comunidade e da família para melhorar a escola pública**



ESNER SOARES